

### **As entradas reais**

Por Diogo da Hora

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém no início da última semana de seu ministério terreno é um dos eventos mais célebres e cênicos do Novo Testamento. Relatada em todos os evangelhos bíblicos (Mt 21.1-11; Mc 11.1-11; Lc 19.28-40; Jo 12.12-15), a procissão que acompanhou Jesus entrando em Jerusalém montado em um jumento sob aclamações reais na semana da Páscoa é constantemente revivida pelas diversas tradições cristãs como o “Domingo de Ramos”.

Brent Kinman<sup>1</sup> considera esse evento um ato messiânico consciente e proposital de Jesus, que representou uma mudança na forma como ele se apresentava a Israel. Se por um lado nós, atualmente, consideramos a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumento como sinal de humildade, para os judeus do primeiro século aquilo era um claro sinal de realeza, especialmente considerando o fato de ser um jumento nunca montado antes (Mc 11.2; Lc 19.30). Os evangelhos reportam que, a princípio, os discípulos não entenderam aquele sinal como o cumprimento da profecia de Zacarias 9.9 (Jo 12.14-16), porém o reconheceram como um ato real. Tanto é que passaram a estender suas vestes no caminho de Jesus como forma de honrar o Rei messiânico (Lc 19.35-37). Assim como a profecia cumprida com aquele ato (Zc 9.9), a entrada de Jesus em Jerusalém montado em jumento espelhava a principal entrada real relatada no Antigo Testamento: a entrada de Salomão em Jerusalém para ser ungido rei (1Rs 1.32-40). Sendo o primeiro caso de sucessão real na linhagem de Davi e na história de Israel, a entrada real de Salomão provavelmente se tornou um padrão para os sucessores seguintes ao trono de Davi. Salomão entrou em Jerusalém montado em uma mula (1Rs 1.38).

---

<sup>1</sup> KINMAN, Brent. “Jesus’ Royal Entry in Jerusalem” In: *Bulletin for Biblical Research*, nº 15.2, 2005, 223-260.

Os judeus rapidamente reconheceram a entrada de Jesus como uma entrada real, de modo que passaram a aclamá-lo rei e, pela primeira vez nos evangelhos, Jesus não impediu tal aclamação (Lc 19.38-40). Um ato propositalmente real como este seria uma afronta pública ao imperador romano. Tanto é que Jesus foi julgado por Pilatos sob a acusação de se afirmar “Rei dos Judeus” (Jo 18.33). Entretanto, não houve qualquer intervenção dos soldados romanos na entrada real de Jesus. Uma possível justificativa seria que, enquanto um homem humilde entrando em Jerusalém montado em um jumento era sinal de realeza para os judeus, para os romanos aquilo não significava nada. Acostumados com as entradas triunfais dos generais romanos em Roma, cheios de pompa, montados em grandes corcéis e exibindo espólios de guerra e escravos capturados, ver um homem humilde montado em um jumento e rodeado por pessoas simples e pobres não era qualquer ofensa ou afronta à soberania romana.

Assim como a concepção de entrada real dos judeus e dos romanos eram distintas, ao longo da história essas entradas tomaram formas diversas. O historiador Peter Burke explica que as entradas reais eram um tipo de rito que se configurava como um verdadeiro “evento multimídia”<sup>2</sup>, isto é, uma procissão transformada em espetáculo público, cheio de símbolos e significados. Essa riqueza de significados, especialmente útil em contextos em que a alfabetização era restrita apenas a algumas camadas privilegiadas da sociedade, acontecia antes de Cristo e perpetuou-se após ele.

A Europa medieval manteve algumas formas de entrada real mesmo após a queda do Império Romano, por exemplo, na visita de um bispo a uma cidade, ou na procissão de uma relíquia de santo. Até meados do século 14, as entradas reais medievais mantiveram um padrão simples, com o clero, os oficiais da cidade, a burguesia e os membros das guildas que encontravam o soberano no portão da cidade e o acompanhavam até o interior dela. O motivo principal era honrar os soberanos e reafirmar alguns acordos que existiam entre a cidade e o soberano anterior.<sup>3</sup> Aos poucos, começaram a ser acrescentados novos elementos às entradas reais medievais, envolvendo todas as esferas da sociedade e todas as suas instituições em um grande espetáculo jurídico, econômico, político e religioso.<sup>4</sup> O ápice das entradas reais e o esplendor das procissões nas cidades durante as visitas dos reis se deu durante o período da Renascença, em que elementos da antiguidade clássica passaram a ser encenados em “telas vivas”, encenações e apresentações que serviam como ferramentas didáticas para doutrinar os novos déspotas esclarecidos a como deveriam reinar.

---

<sup>2</sup> BURKE, Peter e BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, 48.

<sup>3</sup> WITHINGTON, Robert. “The Early ‘Royal-Entry’” In: *PMLA*, v. 32, nº 4, 1917, 616-623. Acessado em: 13 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/456943>

<sup>4</sup> STRONG, Roy. *Art and Power: Renaissance Festivals 1450-1650*. Los Angeles: University of California Press, 1984, 7-8. Disponível em: <http://www.ucpress.edu/op.php?isbn=9780520054790>

Duas entradas reais na França, no final do século 15 e início do 16, são bons exemplos dessa dinâmica. Em 1498, ocorreu uma entrada real em Paris em que foi apresentada uma grande árvore genealógica que servia para justificar e legitimar a coroação do rei Luís XII, o qual introduzia um novo ramo na dinastia dos Valois e contra quem se levantavam suspeitas de ser um filho ilegítimo do Duque de Orleans, preso e condenado pelo crime de lesa-majestade.<sup>5</sup> Outro exemplo é a entrada real do rei Henrique II na cidade de Rouen em 1550. A procissão do monarca pela cidade foi uma verdadeira narrativa encenada, reforçando a cada “tela viva” o ideal de um rei que derrota seus oponentes e a barbárie por meio da força e da inteligência.<sup>6</sup> Dentre as muitas “telas vivas” que se apresentaram ao rei, destaca-se uma encenação de guerra com 300 pessoas, sendo 50 delas indígenas nativos do Brasil, entre dois grupos de indígenas brasileiros, os tupinambás (aliados dos franceses) e os tabajaras (aliados dos portugueses), representando a habilidade militar combinada às virtudes primitivas; e uma cena em que Orfeu controlava as feras por meio de seu canto, enquanto Hércules exterminava Hidra, sugerindo que a força provém do esclarecimento renascentista e do poderio militar.

As entradas reais francesas mostram como todos esses símbolos eram instrumentos de influência e opinião. O Parlamento da Paris, por exemplo, se utilizou das entradas reais para, aos poucos, comunicar o aumento de sua influência no cenário político francês. A partir da metade do século 15, todos os procedimentos para as entradas reais na capital da França tinham que ser autorizados e padronizados pelo Parlamento, que pouco a pouco simbolizava sua própria presença por meio dos muitos símbolos. Em 1549, por exemplo, apenas os parlamentares poderiam usar vermelho durante as entradas reais, como símbolo de sua distinção e poder.<sup>7</sup>

Se por um lado a política era tão influente nessas cerimônias, o aspecto religioso e messiânico também era latente, como que espelhando a própria entrada triunfal de Jesus em Jerusalém no Domingo de Ramos. Muitas delas foram associadas ao ritual da cura da escrófula, em que se acreditava que o toque do rei poderia curar, estabelecendo ainda maiores paralelos entre a figura do Rei Jesus e os monarcas medievais. Na entrada real de Henrique VI em Londres em 1431, o rei foi apresentado como descendente de Jessé em sua árvore genealógica, assim como Davi e Jesus. Em 1485, o povo aclamou “Viva o rei Salomão” enquanto o rei Carlos VIII entrava em Rouen. Num contexto em que política e religião se misturam, na entrada de Carlos VIII foi apresentada uma “tela viva” representando os quatro evangelistas bíblicos como as quatro camadas da sociedade: clero, nobreza, burguesia e o povo. Num modelo protestante de entrada real, a rainha Elizabeth I

---

<sup>5</sup> SHERMAN, Michael. “Pomp and Circumstances: Pageantry, Politics, and Propaganda in France during the Reign of Louis XII, 1498-1515” In: *The Sixteenth Century Journal*, v. 9, nº 4, 1978, 13-32. Acessado em: 13 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2540040>

<sup>6</sup> WINTROUB, Michael. “Civilizing the Savage and Making a King: The Royal Entry Festival of Henry II (Rouen, 1550)” In: *The Sixteenth Century Journal*, v. 29, nº 2, 1998, 465-494. Acessado em 13 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2544526>.

<sup>7</sup> BRYANT, Lawrence J. “Parlementaire Political Theory in the Parisian Entry Ceremony” In: *The Sixteenth Century Journal*, v. 7, nº 1, 1976, 15-24. Acessado em: 13 de junho de 2017. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2539625>

foi comparada a Debora, “juíza e restauradora de Israel” durante sua entrada em Londres em 1559. Nesses três casos, houve algum tipo de analogia em “tela viva” dos dons do Espírito, ou as bem-aventuranças bíblicas sendo apresentadas ao rei.<sup>8</sup>

Esses exemplos medievais e renascentistas apontam para a imensa diversidade de símbolos que se podia incluir nas entradas reais. Além disso, eles ressaltam que todas as entradas reais, sejam as entradas triunfais romanas ou as glamorosas entradas renascentistas, mantêm três elementos básicos: o encontro e acompanhamento do rei na entrada da cidade; a aclamação pública pelo povo da cidade; e o objetivo principal de honrar o monarca. Esses aspectos levaram alguns teólogos a encontrar o mesmo padrão na volta de Cristo, conforme relatado em 1 Tessalonicenses 4.13-18, em que, após o anúncio do arcanjo e a ressurreição e transformação dos santos, a Igreja se encontra com Jesus nos ares para estar para sempre com o Senhor. Ao considerar a tradição helenística da *apantesis* (termo grego traduzido por “encontro” em 1 Tessalonicenses 4.17), que seria um tipo de entrada real no contexto grego e familiar aos cristãos de Tessalônica, sugere-se que o encontro nos ares não seria um arrebatamento para tirar a Igreja do período da Grande Tribulação, mas um gesto em honra ao rei que chega ao mundo. Em vez de cidadãos indo ao portão da cidade receber o rei e conduzi-lo para dentro da cidade, a Igreja iria até os céus para acompanhar o Rei dos reis de volta ao mundo, onde será estabelecido o Reino e viverão para sempre.

Esse posicionamento gera muita polêmica, especialmente considerando que ele refuta a popular doutrina do arrebatamento pré-milenista. Ela foi primeiramente apresentada por Erik Peterson em 1930 e bem recebida até que o teólogo Michael Cosby, em 1994, questionou tal tese afirmando que todos os principais elementos da *apantesis*, a entrada real helenística, estão ausentes no texto de 1 Tessalonicenses. Segundo Cosby, as entradas reais helenísticas seriam caracterizadas (1) pela expectativa e preparação dos cidadãos para a chegada do rei, (2) o uso de vestes e ornamentos especiais pelos cidadãos para a ocasião, (3) os gritos de aclamação por parte dos cidadãos na chegada do rei, (4) a contribuição coletiva para adquirir presentes a serem entregues ao rei, (5) o julgamento executado pelo rei para alguns casos pendentes na cidade (condenação de criminosos, por exemplo), e (6) o sacrifício oferecido aos deuses pelo rei nos altares da cidade. Desse modo, a comparação com a volta de Cristo e as entradas reais não passariam de um “padrão fraco”, não servindo para decifrar tal evento escatológico.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> STRONG, Roy. *Art and Power: Renaissance Festivals 1450-1650*. Los Angeles: University of California Press, 1984, 8-11. Disponível em: <http://www.ucpress.edu/op.php?isbn=9780520054790>

<sup>9</sup> COSBY, Michael R. “Hellenistic Formal Receptions and Paul’s Use of APANTHESIS in 1 Thessalonians 4:17” In: *Bulletin for Biblical Research*, nº 4, 1994, 15-34.

Em 1996, Robert Gundry refutou os questionamentos de Cosby por meio do argumento da diversidade das entradas reais e sua adaptabilidade aos contextos em que aconteciam, revertendo o argumento de Cosby acerca do “padrão fraco”.<sup>10</sup> Gundry ressaltou que Cosby estava certo ao identificar que os elementos tradicionais da entrada real helenística não estão presentes no texto, porém errado em não encontrar paralelos entre esses elementos no discurso escatológico de Paulo em suas cartas: (1) apesar de não sabermos o dia e a hora em que Cristo voltará, sabemos que ele voltará, de modo que a Igreja está em constante expectativa e preparo para a volta de Cristo, como Paulo resalta 1 Tessalonicenses 5.1-11; (2) Paulo diversas vezes fala sobre o revestir o nosso corpo de incorruptibilidade e imortalidade (1Co 15.53-54), como vestes especiais e dignas para a ocasião; (3) apesar de não ser a mesma coisa que a aclamação do povo, a voz do arcanjo que anuncia a chegada de Cristo e convoca os crentes pode ser considerada uma adaptação sobrenatural para um evento além do controle humano; (4) Paulo considera os salvos e a maturidade dos crentes como os presentes a serem apresentados diante do Rei em seu retorno (2Co 11.2; Cl 1.22, 28); (5) faz parte da tradição deixada pelo próprio Jesus a ideia de um julgamento em seu retorno (Mt 25.31-46), a qual certamente fazia parte dos ensinos de Paulo às igrejas (Rm 2.5, 16; 1Co 4.5) e que Paulo faz menção em 2 Tessalonicenses 3.6; e (6) apesar de Paulo constantemente tentar afastar os cristãos do antigo sistema idólatra em que viviam antes da conversão (1Ts 1.9, por exemplo), o sacrifício faz parte do evangelho, em que Cristo é o sacrifício definitivo e a prática do amor e santificação são sacrifícios a serem apresentados diante de Deus (Rm 12.1; Ef 5.2).

O contexto da volta de Cristo apresentado em 1 Tessalonicenses parece bem próximo do que a história mostra acerca das entradas reais, mas como o próprio Gundry resalta, é preciso tomar cuidado para não acrescentar significado demais a apenas uma palavra grega (apantesis) em 1 Tessalonicenses 4.17. Ainda assim, as entradas reais ao longo da história desafiam os cristãos a se prepararem para o retorno do Rei, honrando-o com a vida e santidade de todos aqueles que foram alcançados e transformados pelo evangelho do reino de Deus.

## **Questões para debate**

1. Quais elementos na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém sugeriam um status real para Jesus aos olhos judeus?
2. Como o status real assumido por Jesus em sua última semana de vida afetava o relacionamento dos judeus com Cristo? Qual a diferença entre rejeitar um mestre e rejeitar um rei legítimo?
3. Quais formas e ferramentas estão à disposição da Igreja atualmente para demonstrar publicamente que Jesus é Rei e está chegando?

---

<sup>10</sup> GUNDRY, Robert H. “A Brief Note on ‘Hellenistic Formal Receptions and Paul’s Use of APANTHISIS in 1 Thessalonians 4:17” In: *Bulletin for Biblical Research*, nº 6, 1996, 39-41.